

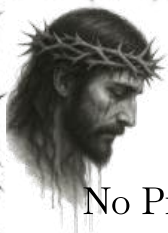


# CRIAÇÃO

**E OS PRIMÓDIOS DA**

# HUMANIDADE





# Dia 1

## No Princípio, o Amor Criou

*"No princípio criou Deus o céu e a terra." (Gênesis 1,1)*

**A** história da salvação começa no exato instante em que Deus, por amor infinito, criou todas as coisas a partir do nada. O livro do Gênesis, primeiro livro da Bíblia, narra com poesia e profundidade o momento inicial da criação do universo, destacando o poder e a bondade divina. A criação não é um ato impulsivo, mas uma expressão consciente do Amor que deseja compartilhar a vida. Deus não precisava da sua criação — Ele a quis por amor. E tudo o que Ele criou, Ele chamou de bom.

Deus cria pela Palavra, e essa Palavra é o Verbo, o Logos, que estava com Deus e era Deus (Jo 1,1). Desde o início, a Santíssima Trindade está presente: o Pai, como origem de tudo; o Filho, como a Palavra criadora; e o Espírito Santo, que pairava sobre as águas (Gn 1,2). Essa presença trinitária já é intuída no plural usado por Deus em Gênesis 1,26: **"Façamos o ser humano à nossa imagem, como nossa semelhança"**. O Catecismo da Igreja Católica confirma essa compreensão no n. 292, afirmando que a criação é obra conjunta da Trindade. Também os Primeiros Padres da Igreja, como Santo Irineu e São Basílio, reconheceram na criação a ação unida e indivisível das três Pessoas divinas. Esse mesmo Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). Desde o Gênesis, a criação já aponta para o Cristo que viria. A separação da luz e das trevas, a organização do caos, a criação do homem à imagem e semelhança de Deus — tudo isso são figuras que ganham sua plenitude na revelação do Filho.

Durante boa parte da minha vida, eu me considerei um ateu. Caminhava pela existência sem fé, sem propósito maior, e com um vazio que nenhuma conquista ou conhecimento conseguia preencher. Mas tudo mudou no dia em que tive uma experiência verdadeira com Deus — uma experiência que não partiu de mim, mas d'Ele, que veio ao meu encontro para me oferecer o Seu Amor de forma incondicional. Eu só precisei aceitá-lo.

Naquele momento, compreendi que minha alma se encontrava como a terra no princípio da criação: deserta, vazia, coberta por trevas. Nada havia em mim que pudesse gerar vida ou esperança por conta própria. Mas então, assim como está escrito no Gênesis, Deus pronunciou sobre mim: "Faça-se a Luz!" — e a luz se fez dentro de mim.



Desde então, essa luz tem iluminado meus passos, dissipado minhas dúvidas e curado minhas feridas. Ainda sou um ser em processo, cheio de falhas e limitações, mas agora sigo com uma certeza: Deus me ama. E se há algo que desejo profundamente, é que um dia, ao olhar para minha vida, Deus possa ver que tudo o que Ele fez em mim foi bom.

## Curiosidade

A autoria do livro do Gênesis tradicionalmente é atribuída a Moisés, pois alguns acreditam que Deus tenha ditado diretamente a Moisés, embora estudos bíblicos modernos apontam que os textos, especialmente os capítulos iniciais, foram redigidos e compilados por escribas inspirados pelo Espírito de Deus, entre os séculos X e V antes de Cristo, durante o exílio babilônico e após o retorno a Jerusalém.

Os pergaminhos mais antigos contendo o texto de Gênesis foram descobertos nas cavernas de Qumran, próximas ao Mar Morto, em 1947. Conhecidos como Manuscritos do Mar Morto, esses documentos são considerados uma das maiores descobertas arqueológicas do século XX, podendo hoje ser consultados digitalmente ou pessoalmente no Museu de Israel, em Jerusalém.

No original hebraico, "No princípio" se escreve בְּרֵאשִׁית (bereshit), que vem a ser a primeira palavra da Bíblia. Esta palavra começa com a letra hebraica ב (bet) e a última palavra da Bíblia hebraica termina com a letra ל (lamed), que juntas formam a palavra בל (lev), que significa "Coração" e a Bíblia cristã moderna termina com a palavra "Amém" (Amen), cuja última letra em hebraico é נ (Nun). Juntando-se a primeira letra (Bet) a última (Nun), forma-se a palavra בן (Ben), que significa "Filho".

Muitos estudiosos da Bíblia viram nesse detalhe um simbolismo profundo: **toda a Escritura é o coração da revelação divina, que é Cristo, o Filho de Deus, princípio e fim de tudo.**

## Reflexão

*"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus."* (João 1,1). Desde a primeira palavra do Gênesis até o Apocalipse, Jesus Cristo é revelado como centro e razão da criação. Reconhecer isso é compreender que nossa existência não é um acaso, mas um ato intencional e amoroso do Criador, pois tudo já estava planejado desde o início. Deus não estava escrevendo a história conforme ela evolui, Ele começou já sabendo qual seria o final. Cada instante vivido é parte desse grande



plano de amor, que nos chama a acolher a salvação em Cristo a viver na plenitude deste amor dentro da unidade da Igreja fundada por Ele.

## Propósito

Hoje, reserve um momento para contemplar conscientemente a criação: olhe para o céu, uma flor, uma árvore, um animal ou o rosto de alguém com gratidão. Louve a Deus por sua beleza e amor refletidos naquilo que Ele criou. Se possível, evite o desperdício de algo que consome a natureza e agradeça pela vida que você recebeu como dom.

## Oração

"Senhor Deus, Criador de tudo o que existe, faça nascer uma nova Luz que afaste de mim a escuridão das trevas. Abra meus olhos para ver em cada criatura e momento a presença do teu amor revelado em Jesus Cristo. Que eu possa reconhecer Tua bondade infinita e viver cada dia mais próximo de Ti. Amém.

## Leituras Complementares





# EXÔDO E A FORMAÇÃO DO POVO DE DEUS

## A Travessia para a Terra Prometida

*"Sê forte e corajoso, pois tu farás este povo entrar na terra que jurei dar a seus pais." (Josué 1,6)*



Com a morte de Moisés, Deus chama Josué para liderar o povo na travessia final rumo à Terra Prometida. Josué é visto como sucessor legítimo de Moisés, e Deus o exalta diante do povo (cf. Js 3,7). Josué, servo fiel, que caminhou ao lado de Moisés desde o Egito, assume o manto da liderança em um momento crucial. O povo está às margens do rio Jordão, pronto para tomar posse da herança, mas o desafio permanece: enfrentar nações fortes, cidades muradas e obstáculos que só podem ser vencidos pela fé.

Deus reitera a Josué uma mensagem essencial: "**Sê forte e corajoso**" (Js 1,6-9). A coragem que Deus exige não é fruto apenas de preparo militar ou habilidade humana, mas da confiança plena na promessa divina. Josué lidera com firmeza e fidelidade, atento à Lei dada por Moisés e disposto a confiar no Deus que conduz.

O episódio mais marcante dessa nova etapa é a travessia do rio Jordão. Assim como no Mar Vermelho, Deus realiza um milagre: ao pisarem os sacerdotes nas águas, carregando a Arca da Aliança, o rio se abre, e todo o povo passa a pé enxuto (Js 3,14-17). A Arca, sinal da presença de Deus, vai à frente, conduzindo o povo para a nova fase de sua história. A Arca — símbolo da presença divina — vai à frente do povo, mostrando que é Deus quem abre o caminho. A travessia é, portanto, um ato de fé e obediência, não de conquista humana.

A travessia do Jordão é mais que um evento histórico — é símbolo da passagem da promessa à realização, da escravidão à liberdade plena, da provação à herança. É também figura do batismo, onde as águas marcam a entrada em uma nova vida. Como disse Santo Ambrósio: "*O Jordão abriu caminho para o povo, como o Batismo abre a entrada no Reino*". Josué torna-se, assim, imagem de Cristo, que nos conduz pelas águas da graça ao Reino de Deus.

Após a travessia, Josué manda levantar doze pedras como sinal perpétuo do milagre (cf. Js 4,6-7). Isso ensina o valor da memória da fé: recordar o que Deus fez é fortalecer o povo na confiança de que Ele continua agindo.

Na vida cristã, somos constantemente chamados a novas travessias: deixar para trás o deserto da dúvida, do medo e da paralisia, e avançar com coragem para

aquilo que Deus prometeu. Como Josué, precisamos manter os olhos fixos na presença de Deus, que vai à frente abrindo caminhos onde parece impossível. A travessia do Jordão por Josué não é apenas um evento histórico, mas um sinal profético da salvação em Cristo.

## Curiosidade

O rio Jordão, onde o povo atravessou sob a liderança de Josué, tem grande simbolismo na Bíblia. É o mesmo rio onde mais tarde João Batista batizou Jesus, inaugurando sua missão pública (Mt 3,13-17).

Assim como Josué conduziu o povo pelas águas rumo à promessa, Jesus conduz seus discípulos pelas águas do batismo rumo ao Reino dos Céus.

O nome "Josué" em hebraico (*Yehoshua*) significa "O Senhor é salvação". Essa mesma raiz dará origem ao nome "Jesus" (*Yeshua*), destacando a ligação teológica entre os dois líderes. Josué introduz o povo na terra de Canaã; Jesus nos introduz no Reino eterno.

A tradição patristica reconhece essa tipologia, vendo em Josué uma prefiguração clara de Cristo.

## Reflexão

Cada travessia exige fé. O Jordão pode ser uma dificuldade, um medo, uma decisão. Mas Deus vai à frente, com sua Arca, abrindo caminhos. A coragem nasce da confiança, e a promessa se cumpre para aqueles que, como Josué, mantêm o coração firme na Palavra de Deus. Não estamos sozinhos nas travessias da vida.

Assim como o povo de Israel entrou na Terra Prometida guiado pela presença de Deus, também nós somos chamados a atravessar nossos "Jordões" com fé, seguindo o verdadeiro Josué que é Jesus, que nos conduz à plenitude da vida com o Pai.

## Propósito

Hoje, identifique um "Jordão" em sua vida – uma dificuldade, uma decisão adiada, um medo. Dê um passo de fé: escreva, planeje ou tome uma atitude concreta que mostre sua confiança em Deus. Reze pedindo coragem para atravessar.



## Oração

"Senhor, dá-me a coragem de Josué para atravessar os desafios da vida. Que eu confie na tua presença e avance, mesmo quando o caminho parecer fechado. Abre diante de mim as águas que precisam ser abertas, e conduz-me à plenitude de tua promessa. Amém."

## Leituras Complementares






JUÍZES, REIS  
E A CONSTRUÇÃO DO REINO DE  
ISRAEL E JUDÁ

## O Rei Escolhido pelo Povo

*"Porventura o Senhor tem tanto prazer em holocaustos e sacrifícios quanto em obedecer à voz do Senhor? A obediência vale mais que o sacrifício." (1 Samuel 15,22)*

om a liderança de Samuel, Israel experimentou estabilidade, mas o povo ansiava por ser como as outras nações, pedindo um rei que os liderasse em batalhas e lhes desse segurança. Apesar das advertências de Samuel sobre os riscos de uma monarquia, Deus permite que Saul seja escolhido como o primeiro rei de Israel (1Sm 8–10). Saul é descrito como alto, belo e forte, alguém que aos olhos humanos parecia ideal para a realeza.

No início de seu reinado, Saul demonstrou coragem e liderança, reunindo o povo contra os inimigos e obtendo vitórias significativas. No entanto, sua trajetória rapidamente revela suas fraquezas espirituais. Saul torna-se impaciente, inseguro e desobediente à vontade de Deus. Um episódio marcante é quando, antes de uma batalha, ele oferece um sacrifício que cabia apenas ao sacerdote Samuel, demonstrando falta de confiança e usurpando uma função sagrada (1Sm 13,8-14).

O momento decisivo ocorre quando Deus ordena que Saul extermine completamente os amalequitas e seus bens (1Sm 15). Saul desobedece, poupando o rei Agag e o melhor do rebanho, alegando querer oferecer sacrifícios ao Senhor. Samuel então pronuncia uma das mais importantes verdades espirituais: **"A obediência vale mais que o sacrifício"** (1Sm 15,22). Por desobediência, Saul é rejeitado por Deus como rei.

A história de Saul é um alerta sobre a tentação de colocar nossa vontade acima da de Deus, mesmo quando tentamos justificá-la com boas intenções. O orgulho, a insegurança e a desobediência corroem o coração de Saul, levando-o a perder a graça e a paz. Sua busca por agradar ao povo e manter o poder o afasta de seu verdadeiro chamado: ser servo de Deus.

Cristo, em contraste, é o Rei obediente por excelência. Enquanto Saul buscou agradar a si mesmo e ao povo, Jesus agradou ao Pai até o fim, tornando-se servo e oferecendo-se em sacrifício por amor. A realeza de Cristo é fundamentada na obediência, na humildade e na entrega total.

## Curiosidade

Os amalequitas, que Saul foi ordenado a exterminar, eram inimigos antigos de Israel desde o tempo do Êxodo (Êx 17,8-16). Sua destruição total foi ordenada como sinal de juízo divino contra sua oposição constante ao plano de Deus. A desobediência de Saul nesse ponto específico foi vista como afronta direta à justiça e soberania divinas.

A unção de Saul como rei foi feita por Samuel derramando óleo sobre sua cabeça (1Sm 10,1), simbolizando a escolha divina. Essa prática da unção (em hebraico *mashiach*, de onde vem "Messias") era reservada a reis, sacerdotes e profetas. Jesus, o Cristo (do grego *christos*, "ungido"), é a plenitude dessa unção, reunindo em si os três ofícios: **Rei, Sacerdote e Profeta**.

## Reflexão

Saul nos ensina que aparência e posição não garantem fidelidade. O coração obediente é o que agrada a Deus. Mesmo com dons e oportunidades, sem escuta e humildade, nos afastamos do propósito divino. Deus nos chama não ao sucesso segundo os critérios humanos, mas à fidelidade ao Seu querer.

A história de Saul também revela como o medo da opinião alheia pode minar nossa relação com Deus. Quando buscamos agradar mais às pessoas do que obedecer ao Senhor, corremos o risco de desviar-nos do caminho certo. A obediência, mesmo quando nos faz parecer tolos ou incompreendidos diante dos outros, é a marca de quem confia verdadeiramente em Deus. Como o exemplo de Cristo nos mostra, a verdadeira grandeza está em fazer a vontade do Pai, custe o que custar.

## Propósito

Hoje, examine suas motivações: em suas escolhas, você busca agradar a Deus ou aos outros? Reflita sobre alguma decisão recente e pergunte-se: estou sendo fiel ao que Deus me pede?



## Oração

"Senhor, livra-me do orgulho e da busca de agradar aos homens. Dá-me um coração obediente, atento à tua voz, disposto a seguir teu caminho acima dos meus desejos. Que eu reconheça sua soberania e viva para tua glória. Amém."

## Leituras Complementares






PROFETAS  
E AS PROFECIAS  
MESSIÂNICAS

## O Profeta do Fogo e da Verdade

*"O Senhor, ele é Deus! O Senhor, ele é Deus!" (1 Reis 18,39)*

m meio à corrupção e idolatria que assolam o Reino do Norte, Deus levanta Elias, um dos maiores profetas de Israel. Elias surge em um tempo de crise, quando o rei Acab, influenciado por sua esposa Jezabel, promove o culto a Baal, um deus pagão, e persegue os profetas do Senhor (1Rs 16,29-33). Elias aparece sem grandes apresentações, mas com uma autoridade impressionante, declarando que não choverá em Israel senão por sua palavra, como sinal do juízo de Deus (1Rs 17,1).

Elias é um homem de intensa fé e coragem. Ele desafia diretamente o poder de Acab e Jezabel, denunciando a injustiça e a idolatria. Um dos episódios mais marcantes de seu ministério acontece no Monte Carmelo, onde confronta 450 profetas de Baal em um duelo espiritual (1Rs 18). Cada lado deve preparar um sacrifício, e o Deus que responder com fogo será reconhecido como o verdadeiro Deus.

Os profetas de Baal clamam o dia inteiro sem resposta. Elias, por sua vez, ora com confiança, e o Senhor responde com fogo que consome o holocausto, a lenha, as pedras e até a água ao redor. O povo, testemunhando esse milagre, se prostra e declara: *"O Senhor, ele é Deus!"* (1Rs 18,39). Esse momento é um divisor de águas, reafirmando a soberania do Deus de Israel.

Após essa vitória, Elias enfrenta uma profunda crise interior. Ameaçado por Jezabel, foge para o deserto, onde deseja morrer, sentindo-se sozinho e fracassado (1Rs 19,4). Deus, porém, o renova, alimentando-o e conduzindo-o ao Monte Horeb, onde Elias experimenta a presença divina não no fogo ou na tempestade, mas no murmúrio suave de uma brisa (1Rs 19,11-13). Ali, compreende que Deus age de formas inesperadas, tanto com força quanto com ternura.

Elias continua sua missão, ungindo Eliseu como seu sucessor e denunciando a injustiça até o fim. Seu ministério é encerrado de forma extraordinária: é levado ao céu em um carro de fogo, sem passar pela morte (2Rs 2,11). Esse fato o torna uma figura messiânica, esperada para retornar antes da vinda do Salvador (Mt 3,23).

Cristo, no Novo Testamento, é associado a Elias em diversos momentos. João Batista vem *"no espírito e no poder de Elias"* (Lc 1,17), preparando o caminho do Senhor.

Na Transfiguração, Elias aparece ao lado de Moisés, representando os profetas, enquanto Jesus revela sua glória (Mt 17,1-3).

Elias, o profeta do fogo e da verdade, nos convida a viver com coragem e fidelidade, mesmo em tempos de perseguição e crise. Sua vida é sinal de que Deus nunca abandona seu povo e continua a agir, mesmo quando tudo parece perdido.

## Curiosidade

O Monte Carmelo, onde Elias desafiou os profetas de Baal, é um local sagrado até hoje, especialmente para a Ordem Carmelita, fundada no século XII nesse mesmo monte. Os carmelitas consideram Elias seu inspirador, destacando a busca pela intimidade com Deus e a defesa da verdade.

A expectativa do retorno de Elias permanece na tradição judaica, especialmente durante o Pessach (Páscoa). Um lugar à mesa é reservado para Elias, esperando seu retorno como precursor do Messias. Para os cristãos, essa expectativa se cumpre em João Batista e se completa em Cristo.

## Reflexão

Elias nos ensina que a coragem profética nasce da intimidade com Deus. Denunciar a idolatria e a injustiça exige força, mas também sensibilidade para reconhecer o agir discreto do Senhor. Mesmo os mais fortes precisam de renovação. Deus nos chama a sermos profetas da verdade e da esperança.

Assim como Elias, somos convidados a confiar que Deus age, mesmo quando o mundo parece mergulhado na escuridão. Ele responde com fogo quando necessário, mas também com o silêncio que transforma o coração.

## Propósito

Hoje, reze por alguém que luta pela verdade e pela justiça. Peça a Deus que renove suas forças e o sustente em sua missão. Se possível, faça um gesto concreto de apoio a quem enfrenta perseguições ou dificuldades por defender o bem.

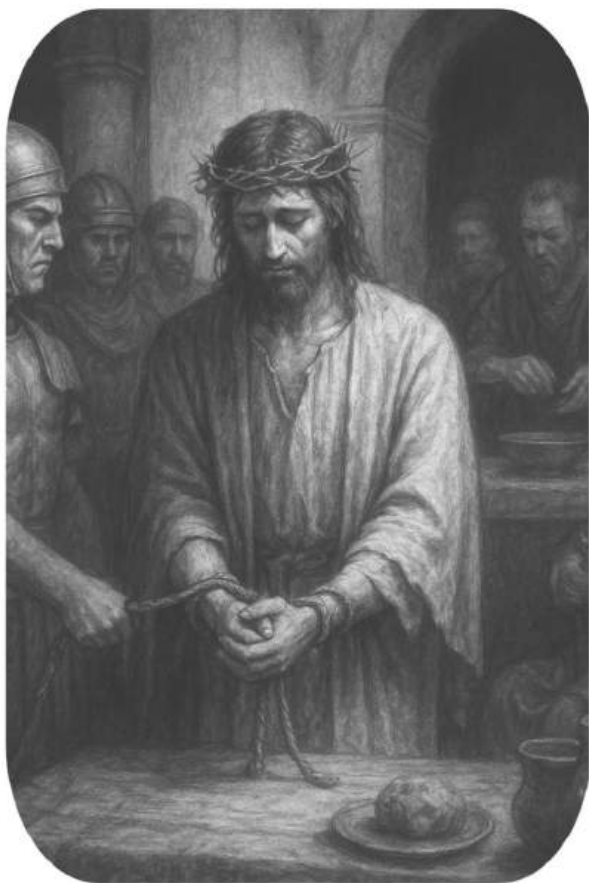


## Oração

"Senhor, dá-me a coragem de Elias para proclamar tua verdade e a sensibilidade para escutar tua voz no silêncio. Renova minhas forças quando eu me sentir abatido e guia-me sempre no caminho da fidelidade. Amém."

## Leituras Complementares





PAIXÃO  
MORTE E A  
RESSURREIÇÃO





Dia 73

## A Prisão, Julgamento e Condenação

*"Então todos se aproximaram de Jesus, o prenderam e o levaram." (Mt 26,50)*

**A**pós a agonia no Jardim do Getsêmani, a traição de Judas desencadeia os eventos finais da Paixão. Com um beijo, sinal de amizade, o traidor entrega o Mestre aos guardas do templo. Assim começa a sequência de injustiças que culminarão na cruz. Jesus, o inocente, é tratado como criminoso.

Jesus é preso à noite no Jardim do Getsêmani e levado primeiro à casa de Anás, ex-Sumo Sacerdote, e depois a Caifás, o Sumo Sacerdote em exercício (cf. Jo 18,12-24).

Preso na calada da noite, é levado de forma ilegal ao Sinédrio, onde é interrogado, agredido, humilhado e julgado por falsas testemunhas. O processo viola normas da própria lei judaica, que proibia julgamentos noturnos e baseados em testemunhos contraditórios.

Diante de Caifás, é acusado de blasfêmia, por declarar que é o Filho de Deus, e Jesus declara a verdade: "**Eu sou o Filho de Deus**" (cf. Mt 26,64). Essa confissão, longe de ser blasfêmia, é a revelação suprema de quem Ele é. Por declarar a verdade, é condenado à morte.

Ao ouvir isso, o sumo sacerdote rasga suas vestes e o condena. Mas o Sinédrio não tinha autoridade para aplicar a pena de morte sob o domínio romano. Por isso, entregam Jesus a Pilatos, o governador. São Jerônimo comenta que o ato de rasgar suas vestes, ironicamente, simboliza a ruptura da antiga aliança e a inauguração da nova, estabelecida por Cristo.

Levado a Pilatos, é acusado de subversão e de se declarar rei. Pilatos reconhece sua inocência, mas cede à pressão da multidão. Segundo Lucas 23,6-12, Pilatos, ao saber que Jesus era galileu, o envia a Herodes Antipas, governador da Galileia, que estava em Jerusalém. Herodes, porém, zomba de Jesus, veste-o com uma túnica de escárnio e o devolve a Pilatos, sem condenação. Após ser enviado a Herodes e devolvido sem culpa, é flagelado, coroado de espinhos e apresentado como escárnio à massa sedenta de sangue.

Todo o processo foi ilegal e irregular: Jesus foi julgado de noite, o que era proibido pela Lei judaica; Não houve testemunhas coerentes; Foi espancado e insultado antes da sentença; Foi condenado por pressão popular e não por provas. Contudo, como escreveu Isaías: ***“Foi maltratado e humilhado, mas não abriu a boca... Pelas suas chagas fomos curados”*** (cf Isaías 53,5-7).

A cena mais trágica se repete ao longo da história: o povo, facilmente manipulado, escolhe Barrabás, um criminoso, e rejeita Jesus. Como escreveu São João Paulo II, *“Jesus é condenado por aqueles a quem veio salvar”* (Homilia – Sexta-feira Santa, 1998).

O Catecismo da Igreja ensina: *“Jesus não foi entregue por forças obscuras, mas ofereceu-se livremente por amor”* (CIC §599). Ele, que tinha o poder de se libertar, permanece firme, silencioso, obediente. Sua realeza se manifesta na humildade de quem aceita sofrer pelos outros. Santo Agostinho afirma que Cristo, o Justo, foi condenado para que os injustos fossem justificados.

Neste dia, contemplamos o Cristo preso, julgado, condenado. E nos perguntamos: quantas vezes também nós preferimos os ídolos de hoje a Ele? Quantas vezes, diante da verdade, permanecemos calados como Pilatos? A cruz começa com a negação da verdade.

## Curiosidades

A troca de turno da escolta dos soldados da casa do governador Pôncio Pilatos era anunciada com um toque de trombeta que, em latim, chamava-se *gallicinium* que, traduzindo para o português, significa: *“o cantar do galo ou o canto do galo”*.

Segundo a arqueologia e a tradição, Jesus foi levado à casa de Caifás, onde hoje se encontra a Igreja de São Pedro em Gallicantu. O nome vem do canto do galo que marcou a negação de Pedro (cf. Mt 26,75). Ali, há um antigo calabouço onde Jesus pode ter passado a noite.

Os evangelhos apontam que Pilatos tentou libertar Jesus conforme o costume de soltar um prisioneiro na Páscoa (cf. Mt 27,15-26). Este costume tem paralelo em fontes judaicas e romanas, mas só os Evangelhos registram sua aplicação específica naquele ano.

## Reflexão

A prisão e o julgamento de Jesus são um espelho da condição humana: preferimos mentiras convenientes à verdade exigente. Pilatos lava as mãos, mas ninguém pode se eximir da responsabilidade diante de Cristo. Ou o acolhemos como Rei, ou o rejeitamos como ameaça.

Jesus não fugiu da dor, nem se defendeu com violência. Seu julgamento é uma aula de mansidão e firmeza. Ele permanece fiel à missão recebida, mesmo quando tudo conspira contra. N'Ele, vemos que o amor não se corrompe, mesmo diante da injustiça.

Jesus foi condenado por amor, não por culpa. Assumiu nossa sentença, entregando-se como Cordeiro inocente. O processo humano foi injusto, mas permitiu a realização do plano divino de salvação. *“A cruz é o tribunal onde o mundo julgou Deus... e Deus respondeu com perdão”* (Venerável Arcebispo Fulton Sheen).

## Propósito

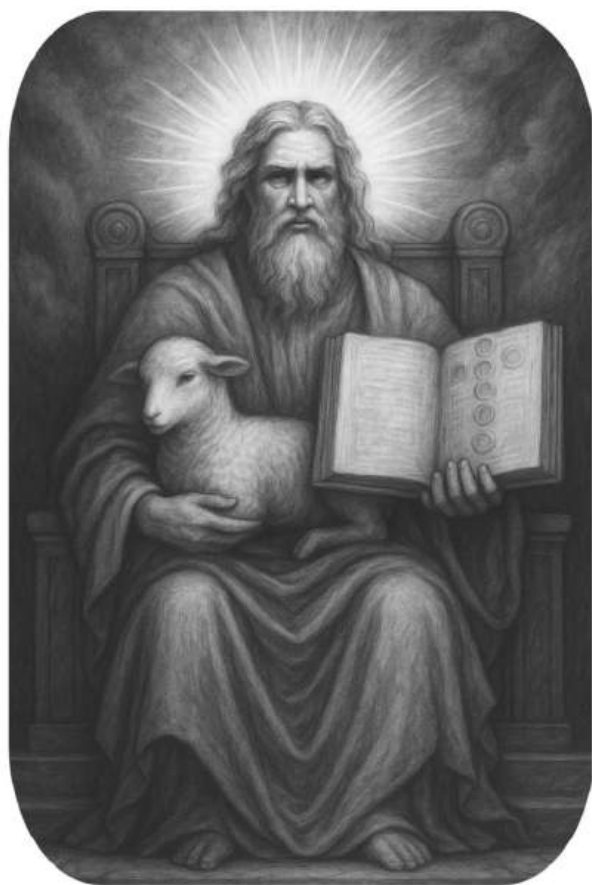
Reze hoje por todos os inocentes injustamente acusados ou condenados. E examine seu coração: você tem sido justo no julgamento das pessoas? Ou condena com facilidade, como a multidão?

## Oração

“Senhor Jesus, foste julgado injustamente, acusado por mentiras, traído por um amigo, abandonado pelos que diziam Te amar. E mesmo assim, permaneceste fiel, calado, forte, obediente até o fim. Ensina-me a suportar as cruzes que me cabem, a não fugir da verdade, e a escolher-Te sempre, mesmo quando o mundo grita o contrário. Amém.”

## Leituras Complementares






# REVELAÇÃO

DA CONSUMAÇÃO DO

# FIM DOS TEMPOS

## O Trono, o Livro e o Cordeiro

*"Vi, no meio do trono, dos quatro seres vivos e dos anciãos, um Cordeiro em pé, como que imolado. Ele veio e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono." (Ap 5,6-7)*

o capítulo 4 do Apocalipse, São João contempla o Céu aberto e é introduzido a uma visão grandiosa: um trono no céu, com Alguém sentado sobre ele, envolto em glória, relâmpagos, trovões e adoração incessante. É uma cena litúrgica que revela a majestade de Deus Pai como Senhor da história. Ao redor do trono estão os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes, que louvam eternamente a santidade de Deus: **"Santo, Santo, Santo!"**

No capítulo seguinte (Ap 5), João vê na mão direita do que está no trono um livro selado com sete selos — símbolo do plano de salvação de Deus, oculto aos olhos humanos. Mas ninguém no céu, na terra ou debaixo da terra é digno de abrir o livro... até que surge o Cordeiro.

O Cordeiro "em pé como que imolado" é Jesus Cristo ressuscitado. Ele se apresenta com os sinais de sua entrega — morto, mas vivo — e é reconhecido como o único digno de abrir o livro, ou seja, de revelar e realizar plenamente o plano de Deus para a humanidade.

Essa cena revela o centro da história da salvação: o Cordeiro, que é Cristo, não conquista o trono pelo poder violento, mas pela entrega, pela cruz, pelo amor até o fim. Ele é Rei porque se fez servo, e Vitorioso porque se deixou imolar.

Santo Ambrósio, comentando essa cena, disse: *"O Cordeiro abre os selos porque Ele mesmo é o selo da nova aliança, aquele que revela o coração do Pai"*. E São João Crisóstomo afirmou que a visão do Cordeiro é o maior consolo para a Igreja perseguida, pois mostra que a vitória não virá pela força, mas pela fidelidade ao amor de Cristo.

O Cordeiro se torna o centro da liturgia celeste, e todos — anjos, santos, criaturas — prostram-se e cantam: *"Digno é o Cordeiro que foi imolado de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor"* (Ap 5,12). Essa é a verdadeira teologia da história: tudo converge para Cristo.

A visão do trono e do Cordeiro no Apocalipse é profundamente litúrgica: há vestes brancas, incenso, hinos, prosternações, cânticos e o centro é o Cordeiro imolado. Essa não é apenas uma imagem simbólica: é a descrição da liturgia eterna do Céu, onde os anjos e os santos adoram continuamente a Santíssima Trindade. O que vivemos na terra, na Santa Missa, é um verdadeiro participar dessa liturgia celeste, embora ainda sob os véus sacramentais. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica: “*Na liturgia terrena, participamos, antecipadamente, daquela celeste que se celebra na Jerusalém do alto*” (CIC §1090).

São João Paulo II, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, recorda: “*A Missa é, por sua natureza, um momento de união da Igreja celeste e terrestre, pois nela ‘nos unimos aos coros dos anjos e aos santos que louvam incessantemente a glória de Deus’*”.

Do mesmo modo, São João Crisóstomo dizia: “*Quando celebramos a Missa, estamos cercados por uma multidão de anjos em adoração invisível*”. Assim, cada Eucaristia une o tempo e a eternidade, a terra e o céu, o visível e o invisível — e o mesmo Cordeiro que João viu no trono é aquele que se oferece a nós sob os sinais do pão e do vinho. A Missa é o céu tocando a terra — e o Cordeiro, no centro.

## Curiosidades

A imagem do “Cordeiro imolado e em pé” une os dois grandes mistérios da fé: a cruz e a ressurreição. Em latim, o título *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus) é uma das invocações mais antigas da liturgia cristã.

O livro com sete selos representa a plenitude dos desígnios de Deus selados na eternidade. Cristo é o único capaz de revelá-los e realizá-los porque é plenamente Deus e plenamente homem, o mediador perfeito.

## Reflexão

No centro de tudo está o Cordeiro. Não o poder político, nem as ideologias, nem os sistemas humanos. É o Amor crucificado que governa a história. É Cristo, o Cordeiro fiel, que transforma o sofrimento em redenção e a morte em vida.

Adorar o Cordeiro é viver de forma eucarística: doando-se, perdendo, entregando-se por amor. Que nossa vida seja um altar e nossa fé, um cântico ao Rei que venceu sendo imolado.



## Propósito

Ao participar da Missa (ou em oração), contemple o momento do “**Cordeiro de Deus**” com mais reverência e consciência. Faça uma comunhão espiritual, pedindo para que sua vida seja unida ao sacrifício de Cristo.

## Oração

“Cordeiro de Deus, Tu que te deixaste imolar por mim, dá-me um coração semelhante ao Teu: manso, fiel, generoso. Ensina-me a reinar pelo amor, a vencer pelo perdão, a viver com os olhos fixos no céu. Seja bendito o Teu nome, agora e para sempre. Amém.”

## Leituras Complementares

